



O ESTÁGIO CURRICULAR COMO ESPAÇO DE ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA

Izabel Cristina Feijó de Andrade¹
Lurdes Caron²

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar a experiência desenvolvida na prática de ensino dos Anos Iniciais do Centro Universitário Municipal de São José – SC, de modo a imprimir uma ação pedagógica intencional e significativa na articulação Ensino-Pesquisa. Trata-se de análise de questionário aberto aplicado a dez acadêmicos com duas questões que versaram sobre o estágio enquanto disciplina formadora e sua composição em observação, reflexão e intervenção; e, sobre a contribuição do estágio para a formação do pedagogo. A prática de ensino é uma disciplina que busca inserir os acadêmicos da sétima fase do curso de pedagogia nos campos de estágio com uma postura ativa e não como um mero observador do campo. Essa postura enriquece as possibilidades de ação nas escolas polos e proporciona a articulação entre os fundamentos da teoria e prática experienciadas. A vinculação da Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado com a pesquisa, na produção de conhecimento, tem demonstrado uma postura inovadora e positiva na medida em que amplia as discussões no campo do currículo.

Palavras-chave: Estágio. Educação. Pesquisa.

STAGE CURRICULUM AS ESPACE D'INTERACTION ENTRE L'ÉDUCATION ET DE LA RECHERCHE

Résumé

Cet article présente l'expérience acquise dans la pratique de l'enseignement de la petite enfance du Centro Université Municipale São José - SC, pour imprimer une action pédagogique intentionnelle et significative dans l'enseignement et la recherche conjointe. Il est l'analyse du questionnaire ouvert appliqué à dix chercheurs de deux questions étaient sur la scène en tant que discipline de la formation et de la composition sous observation, de réflexion et d'intervention; et sur la scène de la contribution à la formation du pédagogue. La pratique de l'enseignement est une discipline qui cherche à entrer les universitaires de la septième étape du cours de pédagogie dans les domaines de la scène avec un rôle actif et non pas comme un simple observateur du champ. Cette attitude enrichit les possibilités d'action dans les écoles pôles et assure le lien entre les fondements de la théorie et de la pratique vécue. Lier la pratique de l'enseignement et de stages supervisés à la recherche, la production de connaissances, a fait preuve d'une approche novatrice et positive en ce sens qu'elle élargit les discussions dans le domaine des programmes d'études.

Mots-clé: Scène. Education. Recherche

¹Professora do Curso de Pedagogia do USJ, Doutora em Educação pela PUCRS, Pesquisadora do EduSer/PUCRS.

²Docente Pesquisadora do Mestrado Acadêmico Stricto Sensu em Educação PPGE/UNIPLAC e professora na graduação em Pesquisa e Prática Pedagógica.

THE INTERNSHIP AS A SPACE OF ARTICULATION BETWEEN TEACHING AND RESEARCH

Abstract

This article purpose is to present the experience developed in the discipline Practice of Teaching of the Early Years of the University Center Municipal de São José - SC in order to lend a pedagogical action intentional and significant in Teaching-Research articulation. It is an analysis of an open questionnaire applied to ten academics with two questions about the internship as a forming discipline and its composition: observation, reflection and intervention; and, about the internship contribution for the formation of the pedagogue. The practice of teaching is a discipline that seeks to insert the seventh stage academics of the Education course in the internship fields with an active posture and not as a mere observer. This posture enhances the possibilities of action in "poles schools" and provides the link between the fundamentals of the theory and experienced practices. The linking of Teaching Practice and the supervised internship with the research, knowledge production, has demonstrated an innovative and positive attitude as far as it expands the discussions about curriculum.

Key words: Internship. Teaching. Research.

1. INTRODUÇÃO

A experiência de orientação na prática de ensino tem revelado que a articulação entre ensino e pesquisa é uma tarefa desafiadora, tanto para os orientadores quanto para os futuros pedagogos. Dessa forma, o referido artigo tem o propósito de apresentar a experiência desenvolvida na prática de ensino dos Anos Iniciais de modo a imprimir uma ação pedagógica intencional e significativa na articulação Ensino-Pesquisa. Segundo Myrtes Alonso (1999, p. 18) “para poder dar conta de missão tão importante e complexa, a escola precisa que professores e demais colaboradores sejam capazes de reinterpretar seus papéis e ampliar sua formação, colocando-a a serviço dos ideais de uma educação democrática”.

Neste Sentido, a prática de ensino é uma disciplina que busca inserir os acadêmicos da sétima fase do curso de pedagogia nos campos de estágio com uma postura ativa e não como um mero observador do campo. Essa postura enriquece as possibilidades de ação nas escolas polos e proporciona a articulação entre os fundamentos da teoria e prática experienciadas. Sabemos que o conhecimento é fruto de um processo investigativo e intencional, e desse modo, os acadêmicos do curso de pedagogia (estagiários) são orientados a buscarem suas autorias na e pela pesquisa. Assim, o estágio torna-se, dentro da vertente intencional de pesquisa, uma ação educativa que intervém na realidade num movimento de se fazer no caminho vivido, experienciado e refletido.

Esse conhecimento produzido envolve reflexão sobre os caminantes do processo, o caminho trilhado e o caminhado experienciado. Esses três elementos que são produtores do mesmo conhecimento, pois problematizam as ações, refletem sobre si, sobre o meio e sobre todos, analisam e propõem possibilidades de ação mais significativa para si, para a escola e para as crianças. Todos, numa ação conjunta se modificam e modificam o campo. Isto porque,

segundo Arroyo (2012, p. 28) “os coletivos em movimentos apontam que as teorias pedagógicas não são estáticas, mas participam dos processos históricos de humanização/emancipação, de reação à desumanização/subordinação”.

Tensões entre os processos citados podem provocar diferentes respostas pedagógicas. Assim, o estágio curricular, tendo como eixo norteador a pesquisa, aproxima os acadêmicos de sua futura ação educativa, desenvolve uma atitude consciente, constrói habilidades e competências de pesquisador que buscam sentido na prática e na teoria estudadas na formação inicial. Estas aproximações desencadeiam, conseqüentemente, a necessidade de se repensar o tempo todo nos componentes curriculares da Prática de Ensino do Estágio Supervisionado, tendo clareza das dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais que determinam as nossas ações.

É evidente que a formação inicial não supera todas as resistências vivenciadas no campo, mas pode instigar os formadores a repensarem suas práticas e teorias. Morin (2006), Wilber (2007) e Galvani (2008) vêm propondo às instituições formativas adormecidas, outros modos de perceber a formação dos educadores.

A maior parte dos problemas humanos e, especialmente os da educação, da aprendizagem e da formação são problemas vagos e complexos. Estudando a compreensão interpessoal, a motivação para aprender, ou a dinâmica de um grupo de aprendizagem, percebe-se que se trata de problemas cuja solução é sempre ambígua, contendo um pouco de paradoxo dialógico ligado à autorreferência dos sujeitos e à sua interdependência com o meio ambiente. (GALVANI, 2008, p. 3).

Nesse sentido, a transformação paradigmática na educação e na formação dos educadores se põe em questão. Como vincular o Ensino e a pesquisa nos estágios supervisionados de modo a contribuir com a Formação Inicial dos futuros pedagogos?

A vinculação da Prática de Ensino e Estágio Supervisionado com a pesquisa, na produção de conhecimento, tem demonstrado ser uma postura inovadora e positiva na medida em que amplia as discussões no campo do currículo. O estágio, no Centro Universitário Municipal de São José (USJ), é uma disciplina da matriz curricular que é obrigatória em que os docentes ficam responsáveis por dez acadêmicos para orientar. Assim, nessa pesquisa participaram dez acadêmicos regularmente matriculados no curso de pedagogia e que foram orientados pela professora titular da disciplina. Para eles, foi aplicado um questionário aberto com duas questões que versaram sobre o estágio enquanto disciplina formadora e sua composição em observação, reflexão e intervenção; e, sobre a contribuição do estágio para a formação do pedagogo. Esses acadêmicos na pesquisa são identificados pelos numerais de 1 a 10.

Essas duas questões serviram de eixo para as análises propostas, dando sentido para as vivências ocorridas na disciplina e no campo de estágio.

2. POSTURAS DESAFIADORAS DE SER ORIENTADOR DE ESTÁGIO

Diante do exposto, temos o desafio de organizar a orientação e supervisão de estágio de modo a enfatizar a produção do conhecimento no campo. Segundo Calderano (2013) o estágio permite que o futuro pedagogo tenha reflexões na universidade, com vistas à realidade vivenciada nas instituições educacionais, que é um momento impar na formação de professores. Para isso, vamos retratar de forma simples e clara as emersões que surgiram nessa experiência de organizar os estágios dos Anos iniciais do Ensino Fundamental:

1) Inclusão dos estagiários nos campos de estágio – Esse é o momento de escolhas, definições e desafios, pois onde encontrar um campo que represente uma prática significativa para os futuros pedagogos? O estágio supervisionado é um momento muito importante porque nessa fase encontramos a possibilidade de articular as práticas e os fundamentos teóricos correlacionando-os ao cotidiano vivenciado. Segundo a Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro (1991) o estágio supervisionado tem por finalidade proporcionar ao aluno uma aproximação da realidade em que irá atuar. Servindo como elemento entre teoria e prática pedagógica.

Dessa forma, o estagiário entra em contato com o mundo escolar, observando, registrando e coletando informações que irão auxiliá-lo a diagnosticar o contexto escolar que será trabalhado no seu projeto de intervenção. Esse momento é retratado pelos estagiários como um período de descobertas, conforme depoimento a seguir: “Eu não tinha experiência de escola. Então, para mim, tudo é uma descoberta. Uma descoberta que, às vezes, me tira o sono. Fico pensando o que propor a eles, como cativá-los e encantá-los para a aprendizagem” (1); “Eu estou encantada com as minhas descobertas. As crianças são muito inteligentes, amorosas, curiosas e tenho um compromisso, de cada dia, mais envolvê-las” (5).

Neste sentido, o Estágio Supervisionado se constituiu num projeto Interdisciplinar sob a coordenação da Didática e das Metodologias Específicas. Segundo Gentil e Michels (2011, p. 133) “interdisciplinaridade é um princípio pedagógico que se vincula à própria concepção de mundo e de conhecimento”. Para a experiência de estágio ser bem sucedida é fundamental envolver as dimensões didáticas, metodológicas, experiências e existenciais para acolher as necessidades dos futuros pedagogos. Para Clénet (2006, p. 5 *apud* ANDRADE, 2011):

[...] dimensões existencial, experiencial e didática são fontes de aprendizagem complementares que se articulam as necessidades e situações. A autoformação não é uma prática educativa, porque não é uma ação do formador. É definida como uma ação reflexiva sobre o tema da sua formação em uma abordagem abrangente para construir autoconhecimento e desenvolvimento (CLÉNET, 2006, p. 5).

Dessa forma, a experiência de estágio tem que ter uma excelente orientação para ampliar o olhar do futuro pedagogo, ultrapassando as ilusões, incertezas e verdades absolutas que por ventura tenham se apropriado durante as primeiras fases do curso, no qual, é de fundamental importância, segundo Gentil e Michels (2011), enfatizar o entendimento do conceito de interdisciplinaridade para o desencadeamento das ações pedagógicas. O estágio é o momento dos possíveis diálogos, reflexões sobre a profissão, projetando criticidade para o mercado de trabalho, bem como aprender a observar, valorizar, problematizar e buscar soluções que acontecem nas áreas que pretendem atuar. O êxito do estágio dependerá do retorno das experiências vivenciadas pelo futuro profissional da educação. Segundo Lei nº 11788, de 25 de setembro de 2008, Art.1º, incisos 1 e 2:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. § 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando. § 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

Ao longo das observações em campo, somos desafiados a elaborar o projeto de intervenção que representa o momento em que o estagiário tem para integrar seus conhecimentos teóricos com as ações pedagógicas em campo, contribuindo para consolidar conhecimentos, habilidades e atitudes do pedagogo. Nessa ocasião, partimos para a compreensão das situações.

2) Compreensão das situações vivenciadas e observadas nos campos – Essa fase representa as orientações recebidas quando as orientadoras partem para a escuta atenta. Os encontros semanais individuais e coletivos fazem a diferença, pois os futuros pedagogos, inicialmente, sentem-se inseguros e não sabem como começar suas observações, ficando muito tensos nas primeiras visitas. Para quebrar essa fase, as orientadoras orientam sistemática e intensamente. Mas, foi esse ano que os futuros pedagogos do USJ foram recepcionados pelas próprias crianças do campo de estágio. Isso foi planejado com as

crianças, a orientadora e as professoras envolvidas.

Os professores estagiários serem recepcionados pelas crianças torna-se fato notável, pois normalmente, os professores esperam que seus gestores venham à escola e reconheçam o seu trabalho. Para Queluz e Alonso (1999, p. 13), o que “os professores esperam e desejam é maior atenção e sensibilidade” frente às suas inseguranças, aos seus problemas e dificuldades. Se quisermos transformar o ensino e mudar a escola precisamos de professores que atualizem suas práticas pedagógicas e isto, nada melhor que o estágio onde os futuros pedagogos podem por meio da observação, analisar práticas e selecionar o que lhes convém para inovar na educação.

Neste sentido, o estágio ajuda os futuros pedagogos conhecer a função social da escola e a função do professor para fazer mudanças significativas no processo da educação. Embora, lembrando o pensamento de Paulo Freire (1979, p. 9) “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo”.

No entanto, a iniciativa dos alunos para receberem os professores estagiários pode-se reconhecer como uma inovação das crianças e da escola. São tentativas de abertura e de incorporação que segundo Arroyo (2013) implica repensar alguns avanços significativos no campo do currículo e da docência, que para tanto, pressupõe o conhecimento. A aquisição de conhecimentos de conteúdos curriculares e a respectiva prática pedagógica permite ao docente construir sua identidade profissional, cuja construção desta identidade, passa por caminhos da coletividade.

Assim, na continuidade de nossa pesquisa registramos que alguns dos depoimentos informais dos futuros pedagogos foram registrados pela orientadora e representam que a escuta atenta é preciosa para acalantar as angústias dos estagiários. “Nem pensei que seria assim. As crianças se organizaram para nos receber. Cada turma fez algo diferente com a gente. Isso nos encantou [...] nos animou [...] me mostrou que vale a pena ser professora” (9). “As crianças mostraram o que elas querem que façam. Tudo com muito lúdico e intencional. As crianças nos escolheram” (10). “Agora eu quero ver como vamos sair dessa. Temos que fazer coisas bem interessantes com elas, para encantá-las como elas nos encantaram no primeiro dia” (6).

Para a orientadora, foi necessário ter muita paciência, exercer uma escuta atenciosa, cuidadosa desprovida de julgamentos. As situações vividas ao longo do estágio exigem reflexão, dedicação e comprometimento. O desejo em auxiliá-los é constante, mostrando que o contexto escolar pode ser significativo e intencional para todos os envolvidos.

O estágio curricular pressupõe atividades pedagógicas efetivadas em um ambiente institucional de trabalho, reconhecido por um sistema de ensino, que se concretiza na relação interinstitucional, estabelecida entre um docente experiente e o aluno estagiário, com a mediação de um professor supervisor acadêmico. Deve proporcionar ao estagiário uma reflexão contextualizada, conferindo-lhe condições para que se forme como autor de sua prática, por meio da vivência institucional sistemática, intencional, norteadas pelo projeto pedagógico da instituição formadora e da unidade campo de estágio (p.237). MEC. Parecer CNE/CP n 205 (reexaminado pelo parecer CNE/CP n. 3/2006).

A atuação conjunta do orientador supervisionando e orientando os futuros pedagogos, trilham de forma atenta, reflexiva e questionadora as experiências vividas no estágio. Isso possibilita a integração entre as dimensões didáticas, experiências e existenciais. Nos encontros de orientação os debates envolvem as observações registradas e questionam as aparências e alertas sobre os possíveis equívocos que muitos que podem cometer nas intervenções. Nesse sentido, promovemos uma prática de estudo, análise, problematização e reflexão constante.

3) Promoção de práticas de estudo, análise, problematização, reflexão e proposições nos campos - Esse momento, por ser a escola um espaço de formação, oferece um vasto campo de pesquisa. Os futuros pedagogos atuam com observação, diagnóstico, planejamento, acompanhamento do processo ensino-aprendizagem, avaliação e autoavaliação no campo. Assim, precisamos ter comprometimento, independente de gostar ou não da área que está estagiando.

Nesse contexto, é primordial enfatizar que o campo que acolhe os futuros pedagogos merece respeito, pois cumpre um papel relevante ao compartilhar a tarefa da formação profissional. Essa é uma oportunidade preciosa de entrar em contato com a dimensão didática, experiencial e existencial dos profissionais que atuam no campo, como relatado pelos estagiários: “A Professora da turma é especial. É especial, né!!! Ela é encantadora. Tem paciência, calma, acolhe as crianças, explica tudo para as crianças. Ela sabe muito. Nos deu várias sugestões de como trabalhar com as crianças. Muito inteligente. Sua experiência é imensa. Didaticamente muito comprometida. Ela, em sua essência, é especial.” (5); “Essa professora do 3º ano é muito boa. Sabe explicar com clareza para as crianças. Consegue atingi-los com paciência. Tem domínio de classe. Está sendo para mim uma experiência muito boa” (4).

Segundo Freire:

[...] a necessária promoção da ingenuidade a criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, despertar com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza (1996, p. 18).

Essa decência e pureza estão respaldadas pelo planejamento escolar bem feito, integrado e executado para o êxito da ação educativa. Nessa fase, o planejamento dos futuros pedagogos passa pela orientadora e tem que estar em acordo com o planejamento dos professores do campo de estágio. Mas esse não é um planejamento qualquer, pois tem o eixo articulador na pesquisa pedagógica, a fim de coletar dados para o relatório final. Para Vasconcellos (2000, p. 35): “Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal”.

Nesse sentido, o planejamento é direcionado para alcançar um propósito ou intervir numa realidade da qual temos conhecimento. A tarefa de planejar não é fácil para os futuros pedagogos, conforme depoimentos coletados: “Eu sei que eu tive a disciplina de didática, mas agora não lembro como fazer o planejamento”. (3); “Professora, você tem o modelo para nos dar, do planejamento ou plano de aula?” (5); “Professora o planejamento é o mais difícil para nós. A professora até nos deu algumas ideias que poderíamos incorporar ao nosso plano, mas ainda estamos com dificuldades” (2); “Já refiz o meu plano, várias vezes.” (10); “Coloquei no plano, várias coisas interessantes, mas não tenho noção do tempo que vou utilizar para fazer tudo. Não sei se vai faltar ou sobrar tempo. Isso é falta de experiência, né professora?” (9).

Aspectos importantes, como a interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade, tornam-se desafios concretos para os futuros pedagogos. Além disso, ainda, percebemos a dificuldade em identificar o conteúdo trabalhado para que o plano idealizado seja algo claro, coerente, significativo, prazeroso e que possibilite aprendizagens para todos os envolvidos. É possível perceber a fragilidade da formação inicial e a falta de compreensão dos futuros pedagogos acerca de questões fundamentais não nítidas, o que prejudica o processo de planejamento e realização das aulas.

4) Construção da dimensão investigativa na pesquisa nos campos – Esse momento consiste em um recorte empírico, frágil da intervenção do estágio, uma fresta a ser analisada. Essa análise é combinada com técnicas investigativas de pesquisa que apresentam as informações e as relaciona com o objetivo principal do estágio, confirmando ou refutando

suas ideias iniciais sobre a ação docente. Essa prática possibilita aos futuros pedagogos exercitar a função de pesquisador, tecendo articulações entre áreas do conhecimento e disciplinas afins. E, mais, revela-se como uma possibilidade de compreensão da pesquisa enquanto instrumento fundamental para a intervenção profissional na educação.

Esse viés contribui para o desenvolvimento de uma postura e/ou perfil investigativo diante da realidade educacional, e é um elemento integrante e essencial da intervenção profissional do educador, subsidiando a construção do conhecimento, a postura propositiva, o olhar crítico na e sobre a realidade de trabalho, avançando no conhecimento do contexto estudado e despertando para a problematização dos fenômenos sociais investigados. Essa ideia é revelada nos depoimentos dos estagiários aos construírem um artigo para publicação: “Eu adorei transformar o meu relatório num artigo, pois agora tenho um artigo científico muito bem elaborado, com uma experiência relatada e refletida” (7); “Inicialmente, parecia impossível fazer um artigo, mas a construção dele foi tranquila e inspiradora. Colocar sinteticamente a experiência de estágio” (3); “Fazer pesquisa na educação é muito interessante, pois nosso olhar pedagógico se abre a outras interpretações e diálogos pedagógicos.” (8); “Atrelar a prática docente à pesquisa foi muito significativo, pois eu consegui articular os autores, as vivências e os achados num único artigo” (2).

Assim, o estágio proposto se orienta na concepção de docente reflexivo e pesquisador que analisa e interpreta sua própria ação a partir dos registros realizados durante o estágio. Contudo, esse registro-reflexão só é possível a partir da memória vivenciado, experimentado e registrado. Por isso, a exigência do caderno de campo para fazer seus registros e, especificamente, o plano de ação para posteriormente produzirem o relatório.

Isso nos remete a pensar que os futuros pedagogos estão construindo suas experiências de docência a partir das vivências que realizam na escola e, sobretudo, das análises que fazem sobre elas. Para Santos e Ferreira (2013, p. 101), “a formação se dá nas reflexões teórico-práticas realizadas nos cursos de formação, nas vivências cotidianas dos docentes e na busca incessante da formação continuada”.

5) Socialização das experiências nos campos – Ao final do estágio, temos uma experiência para registrar e socializar por meio de uma apresentação aos demais acadêmicos e por um artigo científico que é avaliado para compor o Itinerários da Prática de Estágio. A socialização é um momento vivo e inspirador. Ambas as práticas propostas nesse momento são desenvolvidas por meios de algumas ações implementadas a partir de planejamentos que envolvem os/as acadêmicos e a orientadora, a saber: estudo do referencial teórico; realização de cursos e oficinas, tendo como objetivo a socialização e (re)construção dos saberes os

professores das escolas que participaram do estágio; constituição de grupos de estudos sobre temáticas que propõe a escola campo de estágio; realização de coletas de dados para futuras pesquisas, tendo como base a realidade de estágio; produção de textos acadêmicos sobre as experiências realizadas. Importante mencionar que a inserção dos futuros pedagogos nessas propostas ocorre a partir de afinidades reveladas pelos acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada à importância do estágio na formação profissional dos pedagogos e os desafios que se apresentam na realidade educacional, econômica, política e cultural da sociedade brasileira, vale ressaltar a necessidade de se estabelecer uma interlocução permanente entre as instituições formadoras e as instituições que são campos de estágio.

Nesse sentido, o estágio tem a responsabilidade de dar a direção ao processo de formação e, para tanto, de oferecer aos orientadores, oportunidades de Formação Continuada, garantindo a qualidade da formação do acadêmico, conforme pesquisa apresentada em 2013, sobre a Formação Continuada dos docentes. Nessa pesquisa já fica revelado essa necessidade, conforme exposto a seguir:

Nesse sentido, pensar a autoformação do educador, numa abordagem didática, experiencial e existencial, como expressão da vida, significa dizer que para retenção do Capital Intelectual do USJ e permanência de seus educadores é preciso reinventar a aventura da Formação Continuada levando-se em consideração, também, os aspectos humanos. Ao privilegiar os aspectos humanos, sem negar os políticos, culturais, epistemológicos e sociais da formação, podemos ressaltar que esses são potencializadores de sinergias que articulam o conhecimento não formal, experiência com o conhecimento formal, numa lógica interativa em que a ação (extensão), a investigação (pesquisa) e a formação (ensino) estão presentes (ANDRADE, 2013, p. 37, mimeo).

Assim, há evidências claras, segundo a pesquisa referida, de que as universidades precisam se preocupar com o investimento no seu Capital Intelectual, no oferecimento formal de ações de Formação Continuada, não só em “cursos, seminários, palestras, capacitações docentes” que viabilizem um repensar de seus educadores sobre a responsabilidade, mas uma formação mais ampla que abarque também as necessidades internas desses educadores e coloque-o no centro de seus investimentos.

Dentro desse contexto, é importante frisar que os trabalhos desenvolvidos nos estágios envolvam diretamente os acadêmicos e a orientadora e, além disso, segundo Pimenta e Lima (2004), que o papel entre teoria e prática educativa seja indissociável. Essa articulação entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem-formação contribui para a

efetivação do papel da universidade na produção e socialização do conhecimento com vistas a atender as necessidades da sociedade.

Nossa experiência tem mostrado que nessa proposta, a formação dos futuros pedagogos se constitui numa relação muito próxima com a escola, enriquecida com o fato de conviverem com as crianças e seus professores intensamente. Ao mesmo tempo, é importante dizer que a vinculação dessa proposta de estágio permite a construção de saberes, articulando ensino e pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Myrtes. Formar professores para uma nova escola. IN: QUELUZ, Ana Gracinda. ALONSO, Myrtes (Org.). **O trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1999, p. 09 a 18.
- ANDRADE, Izabel Cristina Feijó. **A Inteireza Do Ser: Uma Perspectiva Transdisciplinar Na Autoformação De Educadores**. PUCRS, Porto Alegre, Tese, 2011.
- ANDRADE, Izabel Cristina Feijó. **Autoformação de Professores Numa Perspectiva de Uma Formação Continuada Para A Inteireza: Um Interesse Do Centro Universitário Municipal De São José?** PUCRS, Porto Alegre, Relatório de Pós Doutorado, 2013.
- ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CALDERANO, Maria da Assunção. MARQUES, Glaucia Fabri Carneiro. MARTINS, Elita Betânia de. **Formação continuada e pesquisa colaborativa: Tecendo relações entre universidade e escola**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013.
- CLÉNET, C. **Accompagner l'autoformation expérientie lledans les dispositifs de formation, dans *Expérienceet Autoformation*, à paraître**, ChroniqueSociale, mars, 2006.
- Estado do Rio de Janeiro. Secretaria de Estado de Educação. Subsecretaria de Educação. Departamento Geral de Ensino. **Curso de formação de professores**. Rio de Janeiro, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GALVANI, Pascal. **Accompagner l'autoformation, une démarche et ses variantes Didactiques, pratique et symbolique**. **NouvellesRevue de l' AISéd**. Centre National de Suresnes, 2008.
- GENTIL, Heloisa Salles. MICHELS, Maria Helena (Organizadoras). **Práticas pedagógicas: política, currículo e espaço escolar**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES, 2011.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004.

Projeto Político-Pedagógico Ladermos Libertad-1. 7.ed. São Paulo, 2000.

QUELUZ, Ana Gracinda. ALONSO, Myrtes (Org.). **O trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1999.

SANTOS, Alice Rosa dos. FERREIRA, Karoline Flores. O estágio curricular nos cursos de Licenciatura: A dimensão Teórico-práticas e suas implicações no seu processo. IN: CALDERANO, Maria da Assunção. MARQUES, Glaucia Fabri Carneiro. MARTINS, Elita Betânia de. **Formação continuada e pesquisa colaborativa: Tecendo relações entre universidade e escola**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013, p. 91-102.

VASCONCELLOS, Celso dos S: Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico Ladermos Libertad-1. 7. Ed. São Paulo, 2000.

WILBER, Ken. **Uma teoria de tudo**: uma visão integral para os negócios, a política, a ciência e a espiritualidade. São Paulo: Cultrix, Amaná-Key, 2007.